



As Novas Tecnologias da Comunicação e Informação como pontes culturais para outras relações entre os espaços locais e global

Carlos F. B. d'Andréa¹

Resumo

A dinâmica das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) acelerou, no final do século XX, uma interligação de regiões geograficamente distantes. Apontada muitas vezes como agravante para uma homogeneização cultural, a distribuição de informações e os processos de comunicação através das TICs também possibilitam uma valorização de características locais, assim como novas articulações entre os espaços locais e global, abrindo outras formas de inserção social que impactam também a configuração das identidades culturais. Considerando a necessidade constante de vínculo com o espaço habitado e uma inevitável desterritorialização durante os processos de trocas informacionais e de comunicação, destacamos a importância da criação de “pontes culturais” que negociem a relação local-global, sempre buscando a inserção ativa no contexto da Sociedade da Informação.

Palavras-chave

Novas Tecnologias; Identidade e cibercultura; Mediação virtual; Conteúdo Local;

A facilidade e rapidez com que ocorrem as transmissões de dados e atos comunicacionais através das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) aceleraram, no final do século XX, a interligação imediata de regiões geograficamente distantes, colocando frente a frente hábitos, línguas, crenças, enfim, culturas com características próprias. Trocas informacionais através dos meios eletrônicos tornaram-se a tônica do contato entre indivíduos e instituições munidos dos equipamentos necessários, domínio técnico dos meios e algum tema que os aproxime.

Dentre as principais mudanças sociais acarretadas pelas TICs, destacaremos neste artigo uma reconfiguração da noção de espaço, alterada pela facilidade de se comunicar com qualquer local sem deslocamento físico, e seus impactos nas chamadas identidades culturais, que tradicionalmente estiveram vinculadas ao compartilhamento de um território comum e estão hoje mais suscetíveis à influência de outras variáveis. A relação direta entre esses elementos é destacada por Martín-Barbero (2002, p.10) como

¹ Jornalista graduado pela UFMG e mestre em Ciência da Informação pela Escola de Ciência da Informação da mesma universidade. Professor da Faculdade de Comunicação e Artes do Centro Universitário UNA, em Belo Horizonte/MG. Contato: carlosdand@hotmail.com



típicas do atual momento histórico: “dos procesos están transformando radicalmente el lugar de la cultura em nuestras sociedades fin de siglo: la revitalización de las identidades y la revolución de las tecnilidades” .

As novas tecnologias, embora potencializem e acelerem mudanças em diferentes âmbitos sociais, não são um fenômeno isolado na sociedade contemporânea. Assim, antes de discutirmos os impactos das TICs sobre a relação dos sujeitos com o espaço em que habitam e suas novas estratégias de comunicação e participação social, julgamos importante resgatar conceitos relativos à construção de uma nova noção de território, assim como de uma reconfiguração das identidades culturais..

Ortiz (1999) explica a forte tradição das Ciências Sociais em “pensar o espaço na relação imediata com o meio físico” e uma tendência de alguns autores em considerar a desterritorialização como um rompimento total com as fronteiras, muitas vezes beirando um alarmismo catastrófico presente em alguns discursos sobre a pós-modernidade. Nesse contexto, o autor posiciona-se afirmando que “já não ajuda tanto dizer que o espaço ‘se esvaziou’, importa entender sua nova configuração, como ele é ‘preenchido’” (p.55). Considerando a co-existência dos planos local, nacional e global, afirma há uma constante interação entre estes níveis, desconstruindo o argumento de que o processo de globalização é alheio a qualquer espaço que se contraponha à sua força hegemônica..

Ao questionar a possibilidade da efetivação de uma cultura nacional ou global sem uma vivência cotidiana associada a um espaço, o autor afirma que “a modernidade-mundo somente se realiza quando se ‘localiza’” (p.59), tornando inevitável uma reconfiguração das informações de circulação mundial à luz das especificidades locais. O vínculo a um território, no entanto, não limita as possibilidades de realização de uma cultura, haja visto que a desterritorialização é uma característica fundante da modernidade. Ortiz afirma que “as sociedades contemporâneas vivem uma ‘territorialidade desenraizada’”, isto é, ao mesmo em que os sujeitos continuam habitando espaços geográficos específicos, não desenvolvem “raízes” que limitam sua inserção social a esta localidade (p.70).

Seguindo esta posição, pensar unicamente numa polarização entre local e global parece-nos uma reflexão limitada na tentativa de compreender como se dão a comunicação e as



trocias informacionais entre espaços agora interligados em tempo real. As reflexões de Ortiz nos permitem, ao longo deste artigo, considerar a constante interação entre os planos local, nacional e global, evitando argumentações deterministas a cerca da realidade contemporânea.

Sobre a noção de identidade cultural, Hall (2003) afirma que está intimamente ligada a um processo de representação e de construção de significados comuns pelos sujeitos. A configuração desta representação, por sua vez, tem na relação territorial um elemento fundamental, o que implica que “a moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas” (p.71).

Na identidade pós-moderna, uma das três concepções descritas por Hall, o sujeito não tem uma identidade fixa, pois compartilha simultaneamente de diversos pontos de vista, posicionamentos e opiniões, sejam eles permanentes, temporários ou mesmo contraditórios. Suas posições e relacionamentos são constantemente configurados a partir do contexto social complexo e fragmentado em que interage. Trata-se de um sujeito estratificado, sem referência fixa, mas ativo numa rede de relações em constante alteração. Em outras palavras, o local de convívio social deixa de ser o mais importante, ou ao menos o único referencial na configuração da identidade do sujeito contemporâneo. A possibilidade de constante superação do espaço local que habita o permite vivenciar com intensidade realidades geograficamente distantes, facilitando a inserção de novos elementos constituintes em sua identidade mutante.

Rodrigues (1993) afirma que, quando os laços sociais de uma sociedade tradicional baseiam-se em seu espaço, “a experiência comunicacional é a fonte daquilo que designamos por identidade coletiva”, que tem raízes históricas estáveis. A ampliação das possibilidades de experiência coloca em homem entre a tradição e o universal a partir da emancipação e “institucionalização progressiva da esfera pública informativa” (p.7), causando um desvinculamento entre a produção da informação e a realidade social dos receptores, num processo que impacta diretamente sua relação cotidiana com o espaço habitado. Assim, dentre os diversos fatores que ajudam a compor essa realidade social multifacetada, destacamos a superexposição de culturais locais a informações disponibilizadas à exaustão pelas tecnologias da informação – este é um



fator decisivo na alteração do funcionamento e características das identidades que compartilham um mesmo espaço geográfico.

Fluxos e lugares

A veloz e ampla distribuição de informações através das TICs é muitas vezes apontada como fator agravante para uma homogeneização cultural de diferentes culturas, que expostas a valores de povos economicamente mais poderosos, seriam rapidamente “seduzidas” pelos valores de consumo e mercado de impacto global. Seguindo este raciocínio, a configuração econômica do poder tecnológico é um fator preponderante da crescente influência da mídia na realidade social, controlando não apenas a infraestrutura técnica, mas também a produção dos conteúdos que são veiculados através deles. Segundo Moraes (2003, p.206)., “estamos diante de um impasse. Cresce a oferta de mercadorias, tanto aquelas para públicos massificados quanto as direcionadas a segmentos de consumidores, mas não pára de se concentrar a propriedade dos meios”. A produção massificada muitas vezes procura adaptar-se às características de uma localidade, ou “mesclam o global e regional na fusão ‘glocal’” (p. 196), num processo que reforçaria ainda mais a influência das “matrizes” sob suas “filiais”, ou seja, da cultura resultante do poder econômico sobre as culturas consideradas periféricas.

Mesmo defendendo a idéia de que a disseminação das TICs trouxe uma significativa mudança cultural à sociedade contemporânea e reconhecendo o intenso processo de concentração política e econômica dos meios, não propomos aqui uma radicalização do discurso para denunciar o uso da TICs como mais um instrumento da estrutura capitalista cada vez mais monopolizada. Algumas características fundantes das TICs, especialmente da internet, como seu caráter aberto, plural e descentralizado, nos permite pensar em novas possibilidades de intercâmbio cultural, baseado em trocas efetivas e não apenas em imposições desiguais. Interessados nas mudanças culturais da sociedade mediada por redes tecnológicas, resgatamos a posição de Martin-Barbero (2002), para quem

la mundialización no puede confundirse con la *estandarización* de los diferentes ámbitos de la vida que fue lo que produjo la industrialización, incluido el ámbito de la “industria cultural”. Ahora nos encontramos ante otro tipo de proceso, que se expresa en la cultura de la



modernidad-mundo, que es una nueva manera de estar en el mundo.

Castells (2002, p. 518) formula dois conceitos complementares que consideramos relevantes para esta análise: o espaço de fluxos e de lugares. O primeiro significa uma nova forma das práticas sociais, característica da sociedade em rede, e representa o suporte material e a transmissão, através de redes de alcance mundial, dos “processos e funções dominantes na sociedade informacional”, ou seja, de informações produzidas por instituições e sujeitos de alto poder político e financeiro, que utilizam-se da interligação das redes tecnológicas para defender seus interesses privados comuns.

Suas ligações não dependem de um espaço e tempo compartilhados e, embora não seja a única lógica especial da sociedade contemporânea, é a dominante. Segundo o autor, seu fortalecimento aponta para algumas tendências, entre as quais “a de criar estilos de vida e de projetar formas espaciais para unificar o ambiente simbólico da elite em todo o mundo, conseqüentemente substituindo a especificidade histórica da cada local” (p.506).

O espaço de lugares, por sua vez, é composto pelas interações cotidianas que se passam em uma região geográfica delimitada e onde a maioria das pessoas vivencia *in loco* suas experiências. Aqui, embora estejam cada vez mais submetidas aos fluxos globais, as relações interpessoais acontecem baseadas em valores e fatos divididos de forma presencial e o espaço é uma referência fundamental na constituição das relações. A aproximação e co-existência entre os dois espaços, explica o autor, não deve ocorrer através de oposições, sob o risco de criarmos universos paralelos, mas pela construção de “pontes culturais, políticas e físicas entre essas duas formas de espaço”.

A consolidação destas pontes implica no estabelecimento de uma via de mão dupla no fluxo informacional e da comunicação, isto é, na possibilidade de uma localidade não apenas ser mais um dos destinos das informações de alcance mundial transmitidas pelas redes, mas também de disseminar, em escala global, as peculiaridades típicas do tempo-espaço que pretende representar. A consolidação dos espaços de lugares tem como premissa o compartilhamento de um ambiente comum, mas depende fundamentalmente das TICs para marcar o lugar de sua identidade cultural num espaço constante de trocas informacionais. Como afirma Smith *apud* Held & McGrew (2001, p.42), as novas redes



eletrônicas de comunicação e a tecnologia da informação “possibilitam uma interação mais densa e mais intensa entre os integrantes de comunidades que compartilham características comuns, em especial a língua”, o que contribui para “intensificar e reavivar as formas e fontes tradicionais da vida nacional”.

Além disso, no processo de valorização e reconstrução das características locais, indivíduos que não compartilhem o mesmo espaço e tempo de uma determinada localidade, mas que dividam com esta um interesse relativo às suas peculiaridades, também poderão participar da produção e reconstrução constante da identidade cultural compartilhada a partir, mas não limitada a um espaço específico. Em outras palavras, comunidades que habitam um espaço comum ou indivíduos que tenham interesse nos acontecimentos dessa localidade podem recorrer às novas tecnologias para reativarem as ligações que os identificam, convertendo “esses territórios em pontos de acesso e transmissão, de ativação e transformação do sentido de comunicar” (Martin-Barbero: 2003, 58).

Resistência e intercâmbio

Mas que estratégias os sujeitos que compartilham um mesmo espaço, com reforço ou exclusivamente através das TICs, podem adotar para, ao mesmo tempo, integrar-se a uma rede mundial e cultivar suas peculiaridades locais? Seria possível minimizar ou mesmo anular os impactos de sistemas econômicos mais poderosos sem excluir-se dos fluxos de informação e comunicação disseminados através das redes interligadas?

Seguindo a premissa de que “não é possível habitar no mundo sem algum tipo de ancoragem territorial, de inserção no local (...)” (Martín-Barbero: 2003, 58) e portanto mais uma vez reconhecendo a importância e o peso do vínculo com uma localidade na configuração das relações interpessoais e trocas informacionais estabelecidas através das TICs, julgamos igualmente marcar a importância e peso do estabelecimento das pontes descritas por Castells (2002) para a configuração da identidade do sujeito contemporâneo.

Para que assumam uma posição participativa no contexto global, é preciso que um grupo de pessoas com interesses comuns não só tenha acesso e compartilhe de informações contidas na internet ou outras redes informacionais, mas também marque seu lugar no



espaço global. Gómez (1997, p.17), que ao discutir os espaços e possibilidades que se abrem no processo de globalização, destaca a necessidade de “dar acesso às fontes locais para os atores locais, mas também estabelecer conexões entre o espaço local e as redes, com dois tipos de procedimentos: a) extrativos, para que os atores locais se apropriem das informações disponíveis na rede, b) produtivos, para que os atores locais confirmem sua presença argumentativa, econômica e política no espaço das redes”.

Este processo de mão dupla, ao nosso ver, deve nortear a inserção de localidades consideradas economicamente periféricas no acelerado processo de mundialização cultural, visando, em última instância, uma inserção planejada e principalmente equilibrada nesse contexto. Martín-Barbero (2003, p.73) afirma que, para entendermos o sentido da diversidade cultural, é preciso reconhecer o que é diferente e separar o que enriquece uma cultura daquilo que, por ser intransferível, deve ser respeitado. “A comunicação plural significa, na América Latina, o desafio de assumir a heterogeneidade como um valor articulável à construção de um novo tecido coletivo, de novas formas de solidariedade”.

A definição entre o que “deve ser respeitado” e o reconhecimento da heterogeneidade como valor deve ser encarada com um processo interrupto que visa representar a complexidade de uma nova configuração social, dando voz à diversidade cultural presente nas localidades sem isolar-se de fenômenos de interesse mundial. Trata-se de um processo de negociação constante da identidade representada através das TICs e manifestada nos atos de acesso e, principalmente, produção de conteúdos por sujeitos vinculados a um território. Para Miranda (2000, p81), em última instância o volume de conteúdos operados por uma região influencia não apenas seu desenvolvimento econômico ou cultural, mas também “sua capacidade de influenciar e posicionar a sua população no futuro da sociedade humana”.

Dada a atual configuração legal das TICs, é pertinente ressaltar que as regras de convivência, incluindo a aceitação ou rejeição de informações externas a uma cultura local, não acontecem por imposições institucionais ou políticas, mas é fruto direto da interação entre os membros do grupo. Para Moraes (2002),



a internet constitui uma vida comunitária regulada por interações, e não por leis, decretos e portarias. Longe de dispensar os indivíduos de deveres éticos, o ciberespaço propõe uma coexistência auto-regulada. Longe de padronizar condutas com base numa "maioria moral" (normas e interdições a serviço das totalidades dominantes), a ciberética apóia-se em regras e valores consensuais estabelecidos pelas células de usuários, respeitando-se a pluralidade de contextos, os projetos societários e, acima de tudo, a liberdade de expressão.

As relações comunicacionais em rede, portanto, depende muito mais da ação individual dos sujeitos em constante interação do que de decisões impostas a sua coletividade. Nesse processo de constante tensão das relações dá-se a articulação das três possíveis conseqüências da reconfiguração das identidades culturais mediante o processo de mundialização, segundo Hall (2003):

- a desintegração das identidades nacionais e surgimento de uma identidade comum partilhada por diferentes povos;
- o reforço de identidades locais como forma de resistência;
- a formatação de novas identidades, que teriam na hibridez uma característica marcante.

O ponto de equilíbrio entre as conseqüências acima será, entre outros fatores, resultado do posicionamento adotado por uma localidade frente aos fluxos informacionais de interesse local ou mundial através da internet e outras ferramentas tecnológicas. Pressupondo que “o novo sentido que o local começa ter nada tem de incompatível com o uso das tecnologias comunicacionais e das redes informáticas” (Martin-Barbero: 2003, 59), podemos afirmar, por fim, que as Tecnologias da Comunicação e da Informação são fundamentais para uma construção permanente de um novo lugar de relações entre sujeitos vinculados a uma localidade, caracterizado ao mesmo tempo pela divulgação e afirmação de características culturais singulares e pela abertura de espaços de trocas entre o local e o global.

Referências bibliográficas

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume 1: A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 459 p.



_____. Internet e Sociedade em Rede. In: MORAES, Denis de (org.). *Por uma outra comunicação - mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro, Record, 2003.p. 255-288.

GOMÉZ, Maria Nélide. A Globalização e os novos espaços da informação. *Informare – Cad. Prog. Pós-Grad. Ci. Inf.*, Rio de Janeiro, v.3, n.1/2, p.8-22, jan.dez. 1997

HALL, Stuart. *Identidades Culturais na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. La globalización en clave cultural: una mirada latinoamericana. *2001 Efectos Globalismo y Pluralismo*. Montreal, 24 a 27 de abril de 2002. Disponível em <<http://www.er.uqam.ca/nobel/gricis/actes/bogues/Barbero.pdf>>. Acesso em 10 mai. 2005.

_____. Tecnicidades, identidades, alteridades. *Diálogos de la Comunicacion*, Lima, v.64, p. 9-24, nov.2002. Artigo disponível em <<http://www.felafacs.org/dialogos/pdf64/1.Jes%C3%BAAs.pdf>>. Acesso em 23 jul. 2003

_____. Globalização comunicacional e transformação cultural In: MORAES, Denis de (org.). *Por uma outra comunicação – mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro, Record, 2003.p. 57-86.

MIRANDA, Antonio Lisboa Carvalho de. Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. *Ciência da Informação*, Brasília, v.29, n.2, p.78-88, maio/ago. 2000.

MORAES, Denis de. *Ciberespaço e mutações comunicacionais*. Publicado em 20 nov. 2002. Disponível em <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/eno201120021.htm>>. Acesso em 10 mai. 2005.

_____. O capital da mídia na lógica da globalização. In: _____ (org.) *Por uma outra comunicação – mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro, Record, 2003. p. 187-216.

ORTIZ, Renato. Um outro território. In: BOLANO, César R.S. *Globalização e regionalização das Comunicações*. São Paulo: EDUC/UFS, 1999. p.51-72.

RODRIGUES, Adriano D. As novas fronteiras culturais das tecnologias da informação. Comunicação e política na América Latina. São Paulo; CBELA, nº 22-25, 1993, p. 7-17.

SMITH, A. D. Towards a global culture?. IN: FEATHERSTONE, M (org.). *Global Culture: Nationalism, Globalization and Modernity*. Londres: Sage, 1990 *apud* HELD, David; MCGREW, Anthony. *Prós e contras da globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.